

ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

Teste de Português

12º ano

Canto IV vv. 3641-3728

¹ Experiente.



Caspar David Friedrich,
Piaia de Wiek ou As três Idades do Homem, c. 1835 (pormenor)

² Adão.

³ Paraíso.

⁴ O primeiro dos quatro períodos da vida humana, de felicidade plena. (Os outros três: o da prata, o do bronze, o do ferro).

⁵ [Idade] de ferro: o último, e o pior, dos quatro períodos da história da humanidade, cheio de calamidades e guerras – armas.

xciv «Mas um velho, d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
5 A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só d'experiências feito,
Tais palavras tirou do experto¹ peito:

xcv – «Ó glória de mandar, ó vã cobiça
10 Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atíça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
15 Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

xcvi «Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
20 De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

xcvii 25 «A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
30 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

xcviii «Mas, ó tu, geração daquele insano²
Cujos pecado e desobediência
35 Não somente do Reino soberano³
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Idade d'ouro⁴, tanto te privou,
40 Que na de ferro e d'armas⁵ te deitou:

XCIX «Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
45 Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem⁶ a dá:

C «Não tens junto contigo⁷ o Ismaelita⁸,
50 Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio⁹ a lei maldita,
Se tu pola de Cristo só¹⁰ peijas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
55 Não é ele¹¹ por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

C «Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
60 Se enfraqueça e se vá deitando a longe¹²;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia¹³,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia¹⁴.

III 65 «Oh, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho¹⁵!
Dino da eterna pena do Profundo¹⁶,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
70 Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

III «Trouxe o filho de Jápeto¹⁷ do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
75 Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua¹⁸ ilustre não tivera
80 Fogo de altos desejos, que a movera!



Caspar David Friedrich,
Praia de Wiek ou As três Idades do Homem, c. 1835 (pormenor)

⁶ Referência ao pedido de Jesus ao Pai, antes de ser preso: «Se é possível, afasta de mim este cálice».

⁷ Perto de Portugal, no Norte de África.

⁸ Os Mouros.

⁹ Maomé.

¹⁰ Somente.

¹¹ O Ismaelita.

¹² A perder.

¹³ Abundância.

¹⁴ Continente negro africano.

¹⁵ Navio, embarcação.

¹⁶ Inferno.

¹⁷ Prometeu, que fez o homem de barro, animando-o e dignificando-o com fogo (=espírito) que roubou do Olimpo e foi, por isso, castigado por Zeus.

¹⁸ A humanidade.

¹⁹ Faeton, que, conduzindo o carro do pai (do Sol), tanto se aproximou do continente africano, que queimou os seus habitantes, sendo, por isso, fulminado por Júpiter e precipitado no rio Pó, onde morreu afogado.

²⁰ Dédalo, construtor do Labirinto de Creta, donde, por aí estar preso com o filho Ícaro, se libertou por meio de asas de penas e cera.

²¹ Ícaro, precipitado no mar Egeu por se ter aproximado, com as asas de cera, excessivamente do Sol, contra os conselhos do pai.

²² O rio Pó.

²³ Por tentar.

CIV «Não cometera o moço miserando¹⁹

O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto²⁰ co filho²¹, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio²².

85 Nenhum cometimento alto e nefando

Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado²³ a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!»

Ler

- 1 Localize o excerto na acção e identifique o narrador, assinalando as marcas da sua presença no texto.
- 2 Em sua opinião, o Velho é apresentado como uma figura positiva, como alguém que merece ser ouvido? Justifique a resposta com base no levantamento dos traços de caracterização e das reacções dos ouvintes.
- 3 Resuma a posição do Velho do Restelo, identificando teses e respectivos argumentos.
- 4 Prepare a leitura expressiva do episódio.

Escrever

Escreva um texto de reflexão sobre o simbolismo da figura do Velho e o sentido do seu discurso – de crítica à empresa dos Descobrimentos e, em particular, à opção pela Índia – numa obra que se propõe exaltar, antes de mais, os

que «passaram além da Taprobana» (cf. Proposição). Atente, em particular, no contradiscurso relativamente ao próprio poema de Camões (em que, sublinhe-se, estão inseridos) que constituem os versos 69-72.

Falar / Debater

- 1 Estruture uma exposição oral, rebatendo as teses do Velho do Restelo através de uma contra-argumentação clara, apoiada em exemplos.
- 2 Prepare dois argumentos convincentes em defesa de uma das teses sobre o progresso, a confrontar num debate: o progresso não pode nem deve ser detido vs a natureza perigosa de certos avanços da ciência e da técnica justifica que, por vezes, se levantem barreiras.
(Campos de referência possíveis: a industrialização; a clonagem; a inteligência artificial...)

Correcção do teste de Português:

1. A situação narrativa é a da saída das naus do porto de Lisboa em direcção à Índia: os marinheiros já estão embarcados e olham para a praia cheia de gente, quando vêem e ouvem um «velho», que, no meio da multidão da praia, se lhes dirige.

O narrador é Vasco da Gama: está a contar a história de Portugal ao Rei de Melinde, encontrando-se no momento em que inicia a narração da viagem que o levara a Melinde (final do canto IV). No texto fala em nome do colectivo de marinheiros da armada que comandava: «postos em nós os olhos», «Que nós no mar ouvimos claramente».

2. Figura positiva: «aspeito venerando», «Que nós no mar ouvimos claramente», «Cum saber só d'experiências feito», «experto peito».

3. Tese e argumentação do Velho do Restelo

A sede de poder («glória de mandar», v. 9) e de fama (v. 10) dos que mandam constitui a motivação real, e perversa, da viagem da armada do Gama à Índia, embora essa motivação se esconda sob ideologias de «honra» (v. 12), de «Fama e Glória soberana» (v. 23), tal como os nomes «esforço e valentia» mascaram meros actos de «bruta crueza e feridade» (vv. 43 e 44).

– A viagem à Índia será mais uma empresa desastrosa para «estes Reinos e esta gente», em que o povo, enganado com promessas de riquezas e de glórias, é arrastado para «novos desastres», «perigos», «mortes».

– É também uma empresa insensata e criminosamente aventureira, pois, por um lado, os objectivos con-

fessados – a luta em nome de Cristo contra os Maometanos; as riquezas; a honra e a glória – seriam igualmente atingidos combatendo os Mouros, no Norte de África, com a vantagem de proteger o Reino, não deixando «criar às portas o inimigo»; por outro lado, as consequências da viagem à Índia, de «incerto e incógnito perigo» (v. 61), são imprevisíveis, ao ir buscar um inimigo desconhecido «tão longe» e ao conduzir ao despovoamento do «Reino antigo», deixando entretanto crescer um inimigo certo «às portas» do Reino.

- O único argumento que subsiste é, mesmo, a vaidade e o desejo de poder de quem manda [do Rei de Portugal] (cf. vv. 61-64).

É um facto que o Rei D. Manuel atribuirá a si próprio, entre outros, os títulos de «senhor» «Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia» (vv. 63-64) na sequência da constituição do Império português do Oriente, decorrente da viagem do Gama à Índia, facto que no discurso do Velho (que só o pode referir profeticamente) surge como negativo e condenável, como o que concretizará a «glória de mandar», a «vã cobiça / Desta vaidade a quem chamamos Fama», o «fraudulento gosto», invectivados no início do seu discurso. Ou seja, o discurso do Velho não é apenas expressão do medo perante o novo ou apelo sensato da experiência face ao aventureirismo (que pode ter consequências perigosas), é um discurso de condenação política e moral de toda a empresa da Índia.

- Nas três estâncias finais, a reflexão alarga-se, condenando a pulsão humana para abraçar sempre novos desafios e novos territórios, para ir sempre mais longe, em suma, para o que geralmente se designa por progresso, pois tal pulsão traz sempre consigo o mal e a perda (tal como acontecera com Adão, mencionado na oitava XCVIII, cujo pecado de desobediência privou os homens do Paraíso e da inocência da Idade d'ouro, precipitando-os na Idade do ferro). Como exemplo do carácter negativo desta pulsão humana, é referido, e condenado, o primeiro homem a fazer um barco, bem como Prometeu (com o fogo, deu a vida aos homens, mas também a guerra e a destruição), Faetonte e Ícaro, concluindo fazer parte da «Miseria sorte», da «Estranha condição» dos homens o nunca deixarem de tentar «nenhum cometimento alto e nefando».

Em suma, a aventura da viagem à Índia que o Velho considera insensata e ruínosa para o povo português, tem o carácter inelutável da «Miseria sorte» da humanidade, da «Estranha condição» humana.

Escrever

Problematizar também, a par dos aspectos sugeridos no enunciado, o sentido dos seguintes elementos:

- o lugar do episódio do Velho do Restelo no final do canto IV, tendo em conta que os finais dos cantos, n'Os *Lusiadas*, são geralmente excursos do poeta, ou seja, são um lugar da voz do poeta;
- a luta que atravessa a nossa expansão, entre os que defendem conquistas em África e os que pretendem o comércio da Índia;
- o facto de se ter adoptado, coincidindo também com a época em que Camões escreverá Os *Lusiadas*, uma política de abandono de praças africanas que suscitou fortes reacções (cf. «Cronologia», pp. 74, 77 da *Antologia*: anos de 1542 e 1562);
- os apelos de Camões a D. Sebastião, na dedicatória e no final do poema.